



Representações da morte e da religião em *Rio dos Bons Sinais*, de Nelson Saúte

(TEXTO DE APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO)

Isabel Margarida da Silva Marques Nogueira
Universidade de Aveiro

Pensa por ex. mais na morte, – e seria estranho em verdade que não tivesse de conhecer por esse facto novas representações, novos âmbitos da linguagem.

Wittgenstein *apud* Saramago

Não é possível separar qualquer ficção que se faça hoje em Moçambique da morte.

Mia Couto

Sob o título *Rio dos Bons Sinais*, Nelson Saúte reuniu um conjunto de contos reveladores de um olhar atento sobre a realidade de um país, nas palavras de Mia Couto, “recém-chegado ao mundo”¹ e apresenta-nos uma galeria de personagens que são, também nas palavras de Mia Couto, “gente que não se demarcou do estado de fantasma”². Com efeito, estamos perante narrativas com um fio condutor que se prende com uma visão lúcida da realidade moçambicana e com a morte que, tomando várias configurações, está presente em todas as histórias.

¹ Mia Couto, contracapa de *Rio dos Bons Sinais*.

² *Ibid.*

A capacidade de observação da realidade, a que não será certamente alheia a formação do autor, permite ao leitor construir uma imagem definida e clara de um país que se caracteriza por uma história recente marcada pela guerra, por calamidades naturais e por doenças. Em dois dos contos que integram esta coletânea, conseguimos, sem grande esforço, perceber a presença do autor e concluir, portanto, que estas histórias não são apenas produto de efabulações literárias, mas também de uma vivência concreta, real, do seu autor. De facto, momentos como “Há dias que não escrevo, pensei, a matéria-prima está aqui, nos dias que passam rente ao meu nariz. Aqui estão as histórias, as vidas destes homens desencontrados com o seu tempo” (Saúte, 2008: 45), ou “O antigo jornalista anota, com sofreguidão, as palavras da sua futura personagem” (ibid.: 86) são reveladores da presença do autor, por trás de narradores que dão vida a histórias que, como já dissemos, têm a morte como tema unificador.

Se a morte é tema universal, se é, nas palavras de Edgar Morin, “a característica mais humana, mais cultural” (Morin, 1970: 16), não causará, certamente, estranheza que ela assuma também os mais diversos cambiantes de sentido, que ela se apresente sob variadas e diferentes formas. Por isso, Mia Couto se refere a estas histórias dizendo que nelas há “mortos que não encontram a Morte, homens de luto perpétuo que apenas visitam a vida nas cerimónias fúnebres, jovens que amanhecem pendurados numa corda de sisal”, personagens que mostram ao leitor um mundo onde a morte se reveste de muitas formas.

A presença da morte e dos mortos nestas narrativas espelha o contexto histórico moçambicano e revela um olhar atento do autor face à realidade, ao quotidiano de quem vive em Moçambique. No conto “A sombra vagabunda”, Saúte revela conhecer os problemas sociais que caracterizam a atualidade moçambicana. O flagelo da SIDA, doença que é uma das principais causas de morte em África, é o tema principal deste conto. “Estou a apodrecer vivo” (Saúte, 2008: 41), “Mais do que uma pessoa, parecia o fiapo de uma extinguível sombra” (ibid.: 41) ou “Suas mãos tinham manchas que denunciavam a doença” (ibid.: 43) são expressões que não deixam dúvidas quanto ao conhecimento do autor acerca desta doença. A morte é, aqui, ainda não concretizada, mas certamente previsível, quase certa. Esta personagem traz “No olhar, a sombra dele próprio” (ibid.: 42) como se a morte tivesse já tomado conta daquele homem. Também no conto “A terra dos homens sem sombra” encontramos a morte num sentido que não é físico, concreto. O narrador inicia o conto com uma espécie de aviso “Contarei esta história como se fosse uma lenda” (ibid.: 89) e acrescenta logo a seguir, relativamente ao enredo, que não sabe “se é realidade ou fábula” (ibid.: 89). Na verdade, a história que se segue a estas palavras não pertence à realidade, é antes uma história de homens sem sombra, homens a quem já nada pode acontecer, homens que, “num dia de temporal indescritível” (ibid.: 100), “tinham perdido absolutamente tudo, incluindo as

suas sombras” (ibid.:100). A sombra, sabemos, é parte do ser vivo, separando-se apenas do homem na morte, o que nos leva a concluir que os habitantes desta aldeia não fazem parte do mundo dos vivos. O narrador refere-se a estes homens, em dois momentos do conto, de uma forma que não deixa grandes dúvidas sobre o facto de estes seres sem sombra não fazerem parte do mundo dos seres vivos: “Temi que fosse um homem assombrado, tantas eram as histórias que ouvia daqueles que voltavam depois de mortos para desassossegar os vivos, que já viviam atormentados” (ibid.: 92) e, no final do conto, “Os que emergiram da tragédia dias depois eram pessoas incólumes, mas desprovidas das suas sombras” (ibid.: 101). Poderemos entender aqui a morte como sinónimo de uma força libertadora do sofrimento e da dor de quem perdeu tudo na vida? Ou a morte como um estado necessário a um renascimento que se quer imaculado, uma vida renascida daquela fogueira cuja “lenha consumida pelas labaredas” (ibid.:101) arde no sonho do narrador? A frase “A sombra tinha desaparecido com a maldição que atravessa o país” (ibid.:101) é talvez aquela que nos permite concluir que a morte, aqui representada pela ausência de sombra, é condição necessária para um renascimento, para que talvez o próprio país renasça também das suas cinzas.

Esta perspetiva da morte é muito diversa da que nos é dada noutros contos desta coletânea. Ela surge, de facto, representada também na sua forma mais concreta e física como nos é dado perceber no conto “Os netos da mulher que não fazia filhos” onde, sem eufemismos, é dito que “Um morto que chega sem família e sem a devida recomendação corre o risco de ficar a apodrecer no chão da morgue. Tantos são aqueles que morrem que nem todos cabem nas câmaras frigoríficas” (ibid.: 69). Também neste conto temos uma descrição, que podemos considerar muito perturbadora, do cemitério de Lhanguene, espaço que normalmente associamos não só à morte, mas também a recolhimento e silêncio:

No cemitério de Lhanguene é frequente acontecerem coisas estranhas. À volta daquele cenário sórdido de campas profanadas, jazigos arrombados, caixões rebentados, campas injuriadas, os transeuntes pisam as sepulturas, atropelam as lápides, na azáfama quotidiana daquele lugar. Uns estão lá para chorar os seus mortos, outros lá vão para vigiá-los, sondar se os infelizes eram bem-sucedidos em vida, para os exumar na primeira noite e deixá-los desprovidos dos seus derradeiros haveres.

No dia seguinte, as roupas do falecido são penduradas nos muros dos dumba-nengues.³ Alguém comprará por certo. (ibid.: 73)

³ Mercado ambulante espontâneo.

Esta é, sem dúvida, uma imagem terrível da morte – a dos vivos que se servem dela na luta pela sua sobrevivência. Também no conto “O ministro de Deus” temos outro exemplo de como a morte serve os vivos. Anchilo, “frequentador de funerais, pensou na sua nova profissão, no dia em que lhe foi presente a carta de pré-aviso, comunicando-lhe a rescisão do contrato, nos Caminhos de Ferro” (ibid.: 35): “ser pregador nos funerais dos que não têm mfundisso⁴ consigo” (ibid.: 36).

O espectro da morte está, já o referimos, presente em todos os contos de *Rio dos Bons Sinais*. Eufriano dos Ídolos, personagem central do conto “O viúvo do guarda-chuva amarelo”, escapou a uma morte prematura porque o seu pai, aconselhado por um curandeiro, mudou o seu sobrenome - na família todos morriam antes dos 40. Ele, efetivamente, não morreu prematuramente, mas “ganhou pânico do convívio com os mortos, uma coisa absolutamente normal para os seus, dado que na sua família, ou mesmo na vizinhança, não era raro haver gente a morrer” (ibid.: 12). Esta personagem é “o homem do luto perpétuo” (ibid.: 17) que, com o seu estratagema de levar para os funerais o seu guarda-chuva amarelo, ficava “impedido de carregar a urna, aproximar-se do corpo, olhar para o morto” (ibid.: 12). Esta personagem personifica o medo que, não raro, os vivos sentem da morte e que é referido também em “O ministro de Deus”: “Muitos são aqueles que passam a cerimónia olhando para o chão. Principalmente, aqueles que têm medo de olhar o morto” (ibid.: 38).

Se nestas narrativas temos a morte como resultado de causas naturais, como a da avó Mafaduco, temos também um conjunto de personagens cuja morte se reveste de circunstâncias especiais. A da mãe de Eufriano, decepada por uma chapa de zinco, a do deputado, devorado por um leão, a de Mamba, assassinado, a da Menina dos Prazos, afogada, e a do seu amor, enforcado.

Esclareça-se que na cultura africana se estabelece uma diferença entre boa morte e má morte. Uma boa morte será a morte de um velho, uma morte sem sofrimento, na sua aldeia, enquanto uma má morte será a morte por acidente, suicídio ou crime, uma morte inesperada, que não tem a ver com causas naturais. No entanto, todos os mortos, independentemente da causa da sua morte, têm direito a cerimónias fúnebres.

Há, nestas histórias, vários apontamentos que nos permitem formar uma imagem muito concreta destas cerimónias. Ficamos a saber que todos os mortos são acompanhados por um pregador, independentemente da sua orientação religiosa: “Hoje em dia andam

⁴ Padre

por aí muitas igrejas e outras tantas religiões, seitas no dizer dos jornais, cada um reza o seu xicumbo⁵ da forma que sabe e há aqueles que dizem todos os dias as mesmas palavras” (ibid.: 33). Depois do funeral, há a cerimónia do chá, referida em vários contos: “Ainda há a cerimónia ulterior ao enterro, em casa do infortunado, para onde vão as pessoas. É a cerimónia do chá. Chama-se assim mas servem, muitas vezes arroz e caril. À entrada da casa, há sempre uma bacia para se lavar as mãos, depois as pessoas entram e se atafulham nos espaços exíguos dos *flats*” (ibid.: 35).

Sabe-se que uma das formas mais comuns de fazer face à morte, e ao medo que ela origina, é a religião. Em todas as sociedades existem ritos cujo objectivo é o de ajudarem os vivos a ultrapassarem aquele que é um dos medos mais básicos do ser humano.

Podemos afirmar que a crise suprema que a morte causa no homem é uma das principais fontes de origem da religião. Por isso, associado às representações da morte, temos nestes contos, um forte sentido religioso. Os funerais, as cerimónias, os pregadores, os cemitérios, são a face visível de um conjunto de procedimentos que dizem respeito à morte. Se tentarmos catalogar estes procedimentos, tendo em conta apenas uma ideia de religião, facilmente concluiremos que não será uma tarefa fácil, já que temos nestes contos uma variedade de práticas que vão das tradicionais às católicas. Se temos referências à Bíblia - “A Bíblia na mão de Anchilo não transitava de página” (ibid.: 33) -, também temos um sem número de alusões aos curandeiros, autoridades tradicionais, que protagonizam cerimónias de esconjuro dos demónios, atiram tinholos, ossículos e estudam amuletos.

Tome-se como exemplo o conto “A mulher dos antepassados” onde Anita é sujeita à consulta de vários curandeiros até que “um velho senhor, oriundo da Beira, um daqueles curandeiros infalíveis. Um ndau⁶ verdadeiro” (ibid.: 54) descobriu a origem da sua doença. A confirmar a importância destes curandeiros veja-se a seguinte passagem do mesmo conto: “Em casa de africano é assim. Eu conheço até alguém que não viaja sem consultar um curandeiro. Entrar no avião e voar para longe sem se despedir dos antepassados? *Never*” (ibid.: 52)!

Com efeito, a consulta dos curandeiros está também intimamente ligada ao culto dos antepassados e por isso não podíamos encerrar esta reflexão sobre a morte e a religião nestes contos, sem o mencionarmos. Este culto, que foi amplamente estudado por Henri

⁵ Deus

⁶ Etnia do centro de Moçambique

Junod, é elemento distintivo da ancestralaria e, apesar de ter sido alvo de várias tentativas políticas que visaram a sua extinção, perdura na atualidade, sendo parte integrante da vida dos moçambicanos.

Depreende-se da leitura destas contos que a atual sociedade moçambicana preserva uma identidade própria, com raízes profundas nas suas tradições, onde a literatura, nas palavras do autor, está “embrenhada no imaginário profundo da condição do ser moçambicano” (Saúte, 2000: 19). Através da escrita, Saúte dá voz a um mundo onde a tradição se mistura com a modernidade, onde a morte, realidade que assombra os vivos, os faz viver as tradições, perpetuando crenças, lendas, mitos:

Este Rio dos Bons Sinais é uma deambulação pela história recente de um país recém-chegado ao mundo e de gente que não se demarcou do estado de fantasma. [...] A morte atravessa todos estes relatos mas a sua marca não é a do definitivo desfecho: os mortos permanecem vivos, eternos sussurradores de luzes e de lendas⁷.

BIBLIOGRAFIA

- HONWANA, Alcinda Manuel (2003). *Espíritos vivos, tradições modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique*. Ela por Ela.
- JUNOD, Henri (1996). *Usos e Costumes dos Bantu*. Tomo 1 e 2. Arquivo Histórico de Moçambique.
- LABAN, Michel (1998). *Moçambique – Encontro com escritores*. Vol. III. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- MORIN, Edgar (1970). *O Homem e a Morte*. 2ªed. Lisboa: Publicação Europa-América.
- SARAMAGO, José (2005). *As intermitências da morte*. Lisboa: Edições Caminho.
- SAÚTE, Nelson (2000). *As Mãos dos Pretos – Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: Dom Quixote (2008). *Rio dos Bons Sinais*. Lisboa: Dom Quixote.

⁷ Mia Couto, contracapa de *Rio dos Bons Sinais*